

O Mundo Siderado: O *Dasein* Com Uma Dor

Carlos Alberto Alves de Souza

Mestrando/PPGH-UFCG

Orientador: Dr. Alarcon Agra do Ó

Como Estava Triste O Céu: Se o texto do Barthes (Fragmentos de um discurso amoroso) é justificado pela necessidade da extrema solidão do discurso amoroso, falado por milhares de pessoas (talvez?), mas não sustentado por ninguém. Aqui, neste texto por ele também inspirado, ao invés de um enamorado que fala e que diz, escutaremos algumas idéias de dissertação falando e dizendo acerca de seu próprio texto: fala solitária demais a deste discurso, parece que sustentada por todos aqueles que a diz. Nesse texto será lido, o meu problema de dissertação, que vem sendo desenvolvido a partir das trilhas da fenomenologia hermenêutica do Martin Heidegger. Espero que entendam que essa trilha “nada tem a ver” com aquela deixada por Edmund Husserl, a fenomenologia hermenêutica que lido, se refere a M.Heidegger e ao seu conceito de *Dasein*, que rompe com a fenomenologia da consciência, instaurando uma hermenêutica do ser-aí que só pode ser no tempo, em jogo com a história. Nesse sentido procuramos interrogar como nas primeiras décadas do século XX a literatura do Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, produziram uma *rostidade* de solidão ao envelhecer, ou seja, como é possível a produção da sinonímia solidão-velhice nesses textos.

Palavras-chave: Solidão; Velhice, História, Literatura, Filosofia

Roland Barthes em *O Rumor Da Língua* localiza o “balbucio” enquanto a impossibilidade que se há em apagar a fala; por ser irreversível o que se diz, não se pode jamais pegar uma borracha e apagar o falado, só pode se dizer através da própria fala, apago, “ou seja, falar mais”. Com isso, ele quer dizer que o ato do balbucio indica que alguma coisa não está indo bem, então balbuciar é malograr, é gorar. O balbucio é um ruído de linguagem, é uma espécie de “fala”, que não está bem nem consigo mesma. “O balbucio (do motor ou do sujeito) é, em suma, um medo: tenho medo de que a marcha venha parar.”¹ É como o exemplo da ameaça da máquina, por ser robô não tendo corpo, anuncia a perda do próprio corpo, e mesmo assim, como num jogo em que se encontra em estado superior, mesmo sem corpo ela funciona bem. Nesse sentido, é “da mesma maneira que as disfunções da linguagem são de certo modo resumidas num signo sonoro, o balbucio, assim também o bom funcionamento da máquina se estampa num ser musical: o rumor”²

No tempo presente parece ser a academia esse espaço sonoro do “balbucio”, do gorar... parece que ela mesma não está indo bem, parece que a qualquer hora o seu motor pode dizer em um grande ruído: a marcha quebrou. A mediocridade dos textos que nos chegam, vem mais se apresentado como relato de pesquisa, do que texto de pesquisa, não se enxerga relação de teoria e objeto, e quando nos colocamos em outra margem, o balbucio barulha. É preciso deixar claro, que aqui não é a fala malograda, gorenta que se anuncia, mas o ruído que vem funcionando, pois é o ruído do rumor, e esse ruído só existe por está conectado em uma comunidade de corpos, pois nessa comunidade é o gozo plural que rumoreja, esse tipo de ruído do prazer é chamado (como disse Barthes) de utopia. Sugere Roland Barthes uma pesquisa em torno do rumor, da máquina que funcione bem, não bastando de maneira alguma todos juntos falarem para então, se anunciar um rumorejar raro, desejanste da língua. Para tanto, “é preciso uma erótica (no sentido mais amplo do termo), o impulso, ou a descoberta, ou o simples acompanhamento de emoções: o que era trazido justamente pelo rosto dos meninos

¹ Barthes, 2004, p.94

² Barthes, 2004, p.94

chineses”.³ Na academia (pelo menos é o que estou vendo nos últimos tempos), não se percebe uma língua que critica devidamente, muito menos uma língua sonora que admire, como fazia os mais antigos a exemplo de Derrida ao observar Lévinas, ou Barthes ao observar os seus escritores preferidos, ou mesmo Deleuze ao falar sobre Foucault; olhando com calma para ali estremeando por dentro de paixão, escutando o rumor da língua captando os traços de uma responsável inteligência. Comumente todo texto nasce de uma interrogação, ou mesmo de uma indignação, esse se ancora nesses dois sentidos, desse modo, precisando concluir esse primeiro debate, para entrar na discussão mais relacionada ao meu projeto de pesquisa de dissertação, (ao menos no plano teórico da pesquisa) é necessário um “último” rumor da língua [é preciso dizer plagiando as palavras do Foucault naquela sensacional “Resposta a Derrida”, facilmente encontrada nas páginas 268-284 do livro *Ditos e Escritos I*]: compreende-se por que a minha proposta de dissertação não poderia deixar de permanecer exterior e bem superficial em relação à profunda interioridade da “besteira” do que poderia ser um trabalho de historiador para alguns. Os trabalhos que partem de uma tradição mais conceitual são ironizados, e feiamente alvo de balbucio, balbucio apenas, pois esses barulhos não conseguem se formalizarem em texto, que critique ponha em cheque a pesquisa, apenas emitem balbucios, covardes balbucios, que querem nos tornar insensatos, apenas por estudarmos[eticamente] quando sabemos de onde partem as insensatezes, da geléia geral, do local onde o documento pode ser fenomenologicamente identificado por uma consciência descritiva.

A minha pesquisa consiste em examinar um problema, que percebi na literatura do Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Linz do Rego, o problema da sinonímia solidão-velhice, examinar como é que esses textos desenham este rosto. É na temporalização do acontecimento (texto) e sua relação com o ser, como esse ser projeta-se além de si que procuro estudar. Esse ser-aí, Dasein tem em sua estrutura ontológica o traço mais fundamental que é o tempo, diferentemente de Husserl que tem como tempo

³ Aqui Barthes se refere ao filme de Antonioni sobre a china, o qual Barthes experimenta o rumor da língua ao assistir, ao dizer: “nua rua de aldeia, algumas crianças, encostadas a um muro, lêem em voz alta, cada uma para si, todos juntos, um livro diferente; aquilo rumorava da melhor maneira, como uma máquina que funcionava bem.” [Barthes, 2004, p.96]

original o presente, em Heidegger é o futuro esse tempo original, pois no futuro está a morte que significa a finitude do ser-tempo, nesse sentido o presente não congela-se ao passado muito menos torna-se morada do futuro, pelo contrario é suspenso, é abertura...

Dasein, é também passado, “ele é um futuro que volta atrás de alguma forma, retrocede”⁴, é nessa relação com a existência, por meio do tempo que é possível enxergar em Lins do Rego, Queiroz, em Ramos essa rostidade, enrugada por esse tempo estriado... por esse êxtase... em Heidegger nada é liso, “tudo” é dobra o dasein vive das dobras. Como nos afirma Benedito Nunes, “sentimentos não são epifenômenos nem simples estados afetivos; o tédio, a alegria e a esperança abrem-nos o mundo de diferentes formas”⁵ A solidão pode ser entendida, então, como a ausência de um outro Dasein, ou de um ente, pois o que nos fere, o que nos falta é sempre algo dentro do mundo, intramundano?

O Dasein tem consciência, mas não mais apenas como atividade de pensar, problematiza-se por isso é ontológico, em Heidegger existe uma diferença entre aquilo que existe, o ente e o ser, apresentando uma investigação que não se paralisa no ente, mas pergunta pelo ser, o sentido do ser; a ontologia de Heidegger é marcada pela pergunta da existência. Creio que devo minimamente dizer por que Heidegger é fenomenólogo, posso começar dizendo pelo seu próprio procedimento: assim como para Husserl o acesso ao objeto, faz parte do objeto, para Heidegger o acesso ao ser faz parte do ser, ou seja apenas o ser pode questionar o aí do ser, o Dasein. Não se trata como em Husserl, que questiona o significado da existência dos entes, criando uma teia que leva esse significado até as marcas intencionais do sujeito, marcas essas que formam a própria consciência. A diferença em Heidegger é o que nos interessa na medida em que a partir de suas trilhas podemos questionar como se dão os modos de ser dos personagens dos romances que trabalharemos, questionamos o “como” da existência, não interessa aqui o como da consciência, máxima Husserliana, mas, o como da existência, entendendo a existência no transitivo, no poder-ser o que certamente rompe com o estado contemplativo da consciência.

⁴ Korelc, 2006, p.35

⁵ Nunes,2002, p. 19

O Dasein, é inquietação é angústia, é incomodo e preocupação com o poder-ser, com o existir. A existência é tensão, ela nos é proposta e o poder- ou não assumi-la é o inquietar-se sobre si mesmo, o que é ser no mundo, senão ser as próprias possibilidades, ser as próprias possibilidades é antes de tudo compreendê-las, ser não é uma simples afirmação de um clique consciente sobre aquilo que se é. A analítica existencial aqui empregada é finita, é acontecente, então é sempre a partir de situações que o Dasein se projeta, nunca a partir de um grau zero.

O homem não pode, como em Husserl, coincidir com a sua origem pela reflexão e descrição. O ser, encontra-se num mundo já dado, já assumido, sem poder remontar à origem desta assunção por meio da reflexão sobre os atos da percepção sensível. A sua é uma ‘compreensão de um ser que só chega ao ser depois de já ter sido, que se encontra no interior do circulo da existência já disposto de uma certa maneira’.⁶

Em Heidegger a existência é finita na contramão da consciência infinita. Se em Husserl a origem da consciência era possível, em Heidegger isso é impossível, a existência não volta a si mesma pelo pensamento, o Dasein é o existente inquietando-se com a existência que assume; nada se eleva além da existência, não há consciência aplicada a coisas, não há incondicionado, o Dasein é condicionado a ser-aí algum modo de ser. Não há um ser cognoscente que de longe observe e alcance a origem perdida, o ser já está encharcado na existência, pois é no acontecer do ser que se dá a existência... o ser nunca é, ele é sendo...

O Dasein é já o outro que habita nossa morada antes de nós mesmo, esse outro geme grita dentro das entranhas como diria Lévinas, esse outro é o outro de si que se dá acontecendo na existência, esse outro gemer dentro das entranhas não é mais aquele distante, aquele que espera para ser compreendido do outro lado da ponte, o outro está no ser do dasein, por isso que dói tanto escutar os gemidos de si, como outro dentro das entranhas, e não mais lá distante... O outro habita o Dasein que existe e interpreta. Dando-se como presença o outro está em tudo que se toca, escuta. O mundo do Dasein é

⁶ Karel, 2006, p.32

partilhado, é por isso que Dubois chama atenção que o Dasein é sempre Ser-com-outro, está sempre preocupado em agir, então o agora, o presente é também tão importante para o Dasein, ele está sempre preocupado em agir, cuidando ele é sempre marcado em uma situação que envolve uma certa trava ao próprio diálogo por ser o Dasein, sendo... acontecimento ele mesmo como outro, é só acessado por ele mesmo a partir de um gesto violento, colonizador, ele é possuído... Por isso ele é outramente, o outro de si.

Como falava a pouco, a pesquisa aqui falada, tem como objetivo analisar as narrativas dos escritores Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, do período que remonta as primeiras décadas do século XX. As questões que orientam esta investigação giram em torno da relação existente entre estes autores ao que remete as produções construídas em torno da solidão ao envelhecer durante esse período. Nesse sentido, as perguntas às quais procuramos responder podem ser formuladas nos seguintes termos: É possível encontrar a sinonímia solidão-velhice nas obras destes escritores? Quais eram os liames estabelecidos entre a solidão ao envelhecer e a época? Será que estes escritores vivendo em uma mesma época produziram um mesmo rosto escriturístico para si? As narrativas não serão esvaziadas em nosso território, como algo fora do tempo, pois estes escritores (personagens) vistos como *Dasein*, são temporais como *Dasein* eles são singulares. As narrativas existem por seu lugar no mundo e no tempo. Por uma relação a uma vida anterior a um passado onde por meio de uma ação no mundo esculpem um rosto, mesmo que provisório, mesmo que de areia; poeticamente; nesse sentido é uma proposta de fazer uma dobra por sobre o texto (solidão). O *Dasein*, não estabelece apenas uma relação com o que o cerca cognoscitivamente, mas de manipulação, ele se compreende através do seu acesso ao ente, é como uma casa, um fogão, que adquirem serventia, sendo o ente um caminho para compreensão do ser aí também, o ente, um caminho de acesso ao mundo, ao ser. Nessa medida em *Menino De Engenho* (obra de 1932),⁷ quando o Avô de Carlinhos o velho José Paulino, ver o Santa Rosa entristecido, tornando-se uma prisão, o que antigamente era terra da promessa, quando ele se olha vagando pelas terras só, e enxerga apenas usinas invadindo as bandas de lá, dando fim não só aos engenhos, mas

⁷ REGO, Jose Lins. *Menino de Engenho*, Rio de Janeiro: José Olympio, 19971.

ao seu ser que se compreendia por meio deste está a mão. Quando ele se vê escarrando pelo chão em meio a moveis toscos e paredes nuas, não é fora de um tempo que o envelhecer torna-se isto que se é possível perceber nas narrativas de Lins do Rego, mas um tempo em que o autor por meio de personagens aciona um passado, uma história, história de orgulho, história esta que fazia o neto Carlinhos prometer ao seu amigo Mário Santos, amigo do Recife, livros sobre o mundo dos engenhos da Paraíba, onde havia uma história heróica e nobre do avô, que neste instante era só uma figura velha, frágil a escarrar a vagar. Nesse sentido o texto não se fecha nele, quais engrenagens, rocas e porcas põem estes textos a mover-se? Ouçamos um pouco a voz de Albuquerque Junior: “José Lins descobre, na escola de Itabaiana, o quanto pequeno era o poder do seu avô, descobre, com tristeza, que o seu poder vinha de fora dele, o dominava, passava por ele, não emanava dele”.⁸ Nessa lógica, o mundo de gloria e brilho vira lama, o velho avô tão certo de si vê-se tomado e ameaçado por uma língua maior.

Sendo no mundo precisamos de outros seres para nos compreender. Nesse mesmo Romance, de tristeza e solidão na vida do velho José Paulino, emerge um corte, uma suspeição, uma fuga, instaurada com a chegada da prima de Carlinhos. Maria Alice muda toda a situação. O “bem-estar do avô, a alegria da moça conquista a todos. [...] O santa Rosa já não é uma prisão, as noites já não são desesperada”.⁹ Mas assim que Maria vai embora, logo o velho volta a inquietar-se, o medo lhe faz voltar andar à toa, como um desvairado pelo engenho. O vazio o atira novamente ao desespero, à inutilidade, ao fundo da rede, sem forças para se reerguer. O ser existe só aí, pela sua presença no mundo, então, nossa analítica existencial, Heideggeriana, rasga com a metafísica da consciência, pois o *Dasein* não se encontra a si mesmo isolado, mas naquilo que está às mãos dando voltas, o outro. Portanto se instaura uma *presentidade* do ser devolvendo-o sua temporalidade, sua historicidade. Os personagens de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, existem por ser sempre no mundo, por ter estado sempre no mundo. “O ser “é” enquanto ser-no-mundo. Ser-no-mundo é horizonte de sentido, condição de possibilidade de ser, *a presença existe sendo-no-*

⁸ ALBUQUER JR, 2002, p. 114

⁹ JUNIOR, Milton Marques; MARINHO, Elisabeth, 1990, p.19.

mundo.

Graciliano Ramos aciona a todo instante a solidão de Paulo Honório, homem velho, corrompido, pelo mundo, homem que sofre ao atravessar ou ser atravessado pelo mundo. Um homem que tenta sobre sair-se do mundo que o ataca e o massacra, mas acaba engolido por ele sempre. “Sou um homem arrasado. Doença?[...] Não tenho doença nenhuma. O que estou é velho. Cinquenta anos pelo São Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros.”¹⁰ Rachel de Queiroz, por sua parte, em uma crônica escrita em 1946, intitulada o solitário, inicia o texto dizendo contar a história de José Alexandre, o solitário do Junco, inimigo dos homens e do mundo, por se fechar a uma cerca sem querer saber mais do mundo, afinal o mundo que se apresentava não fazia mais sentido, pois com a “modernidade” as relações se diferenciam, expulsando muitos do convívio social, prejudicando o acesso do Dasein ao mundo. As contingências da época não tornavam José Alexandre apenas o velho caduco do Junco, o qual ninguém se preocupa por ele, mas antes, se criou “em torno dele toda uma atmosfera de mistério,”¹¹ e solidão.

O problema da solidão ao envelhecer segue toda a obra de Graciliano, Raquel, e Lins do Rego, nessa medida, sendo estes contemporâneos, trabalharemos apenas com estes, não excluindo a possibilidade de tantas outras fontes encontradas no meio da pesquisa. Por seu lado diz Paulo Honoro, arrependido, de haver cedido a gana do dinheiro, já velho, sem amigos, só os negócios, mas os negócios, não lhes dão companhia de verdade:

Estraguei a minha vida estupidamente. [...] Lá fora há uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste furioso espalha folhas secas no chão. É horrível! Se aparecesse alguém. [...] E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça¹²

¹⁰ RAMOS, Graciliano, 2003, p. 193

¹¹ QUEIROZ, Rachel, 1973, p. 28

¹² RAMOS, Graciliano, 2003, p. 198

A partir das obras destes memorialistas, contemporâneos, torna-se possível, o nosso trabalho, enquanto, uma investigação do processo que criva a sinonímia solidão-velhice, tão percebida na obra destes. Obras em que a negação do mundo, é acionada, levando os personagens, a uma volta para a interioridade do ego. Personagens diluídos em estados existências confusos, segmentados a recordações e a marcas passadas, assim é Luís da Silva assim é Paulo Honório, estes direcionavam as vidas por meio das lembranças, a uma interioridade fulminante. Estudaremos as primeiras décadas do século XX, porque neste momento histórico, a velhice e a solidão se encontraram. Momento em que esta sinonímia é estabelecida pelo discurso literário aqui recortado. Os coronéis, Menino de Engenho, Doidinho, A velha Totonha, Muleque Ricardo, Paulo Honório, tantos outros personagens desta literatura, acionam, uma origem rural constantemente lembrada no percurso narrativo. Dela faz parte um mundo de coisas e homens com o qual perdem contato, do qual foram expropriados. Nessa medida as produções escriturísticas postas confessam uma nostalgia, de algo que parecia um refúgio, onde existia tranqüilidade e inocência. Luis da Silva diz, “entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranqüilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou.”¹³

O Dasein é sempre aquele preocupado com ações, preocupado “em agir e fazer, e desta forma ocupado com ações e obras, o Dasein também cuida de outrem. Seja de maneira positiva, negativa ou indiferente, a existência não é só a minha existência, mas também a de outro, comigo compartilhada num ser-em-comum (Mitsein)”.¹⁴ Nessa medida, o afastamento da convivência com os homens, esvazia Luís da Silva¹⁵ de uma compreensão de si, diz ele: “Estava tão abandonado neste deserto”¹⁶. Luís da Silva assim como Paulo Honório, só consegue ser junto de outros, pois a busca de si também passa por outrem. Do cuidar dos outros passamos ao senhorio do ser-em-comum. O

¹³ RAMOS, Graciliano, s/d, p.16

¹⁴ NUNER, Benedito, 2002, p.17

¹⁵ Ver RAMOS, Graciliano, São Paulo: Circulo do livro, s/d.

¹⁶ RAMOS, Graciliano, S/d, p.20

Dasein existe como lugar onde o ser só existe e se compreende fora de si mesmo, no mundo, junto dos outros. Um ser que não tem estrutura, nem consciência fixa, natural... O ser-*Dasein* se faz na experiência do mundo e no mundo, *Dasein*, ser que compreende e se dá a compreender sendo no mundo; um ser que se dar na existência a partir de formas, modos e maneiras de ser. Na medida em que olhamos os personagens como *Dasein*, o conectamos no tempo, pois, o *Dasein* tem por marca o tempo, o *Dasein* não encontra abrigo fora da temporalidade. O *Dasein* é tempo, isolando-o poderia anunciar um equivoco, o tempo é ente, o *Dasein* é sendo, então, o tempo se temporaliza com o próprio *Dasein*..

Luis da Silva, Paulo Honório, como também Carlinhos,¹⁷ menino melancólico, órfão aos quatro anos de idade, solitário e introspectivo, Coronel Zé Paulino, velho todo poderoso, embora em decadência, vivente de uma solidão, o professor de violino do Romance as três Marias “pequena cara miúda mais enrugada e solene do que nunca¹⁸ apontam ressonâncias de tensões sociais segmentadas em um ambiente de tristeza e decadência. Entro a falar sobre a minha vida de cigano, de fazenda em fazenda”.¹⁹ É a Rostidade das solidões que nos interessa... indagamos como a sinonímia solidão-velhice emerge, e para onde prolonga-se, como esta funciona e para o que serve, quais as engrenagens que a põe em movimento?

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidade**. In: Imagens de Foucault e

¹⁷ Ver REGO, Jose Lins do. Menino de Engenho, Rio de Janeiro: José Olympio, 1971

¹⁸ QUEIROZ, Rachel, 1973, p.137

¹⁹ RAMOS, Graciliano, s/d, p. 21.

Deleuze: Ressonâncias Nietzscheanas. ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth. (orgs) Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **Fragmentos de um discurso amoroso.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOLLIGER, Sergio Pinto. **O Mundo Do Ser-No-Mundo** (dissertação-Unicamp), Campinas, SP: 2002

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

DUBOIS Christian. **Heidegger – Uma Introdução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004,.

ESPANCA, Florbela. **Afinado desconcerto: contos, cartas, diários.** São Paulo: Iluminuras, 2002

FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

JUNIOR, Milton Marques; MARINHO, Elisabeth. **O Ser e o Fazer na Obra Ficcional de Lins do Rego.** João Pessoa: FUNESC, 1990.

KORELC, Martina. O Problema Do Ser Na Obra De E. Levinas(2006), Tese de doutoramento em Ética e Filosofia Política. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em filosofia da Faculdade de ciências humanas e filosofia da pontifica-Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. 2 vol.** RJ: Vozes, 2001

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIEVENSTEIN, Claude. **O Nascimento da Velhice.** SP: EDUSC, 2001

QUEIROZ, Rachel de. **Seleta.** Rio de Janeiro: livraria José Olympio Editora, 1973

RAMOS, Graciliano. **Angústia.** São Paulo: circulo do livro, s/d

I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E
PESQUISA HISTÓRICA: DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

REGO, Jose Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971